

## ENTRE A ARQUIBANCADA E O DIGITAL:

as formas de organização e ação do coletivo de torcedores Palmeiras Livre<sup>1</sup>Guilherme Pontes Silveira<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo expor as características de um coletivo de torcedores palmeirenses denominado Palmeiras Livre. Ante os debates sobre as teorias dos movimentos sociais, justifica-se este artigo diante da novidade que esse objeto representa na cultura torcedora. Além de novos modos de mobilização, ação e organização, esse coletivo traz consigo novos modos de torcer influenciados, sobretudo, pelo uso das redes sociais digitais. Além disso, é um grupo que se posiciona contrário à diversos marcadores sociais dentro e fora das quatro linhas.

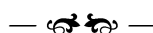
**Palavras-chave:** Futebol. Rede social. LGBT.

## ENTRE ARQUIBANCADO Y DIGITAL:

las formas de organización y actuación del colectivo de hinchas Palmeiras Livre

**RESUMEN:** Este artículo tiene como objetivo exponer las características de un colectivo de aficionados palmeirenses llamado Palmeiras Livre. Dados los debates sobre las teorías de los movimientos sociales, este artículo se justifica ante la novedad que representa este objeto en la cultura del aficionado. Además de nuevos modos de movilización, acción y organización, este colectivo trae consigo nuevas formas de animar influenciadas, sobre todo, por el uso de las redes sociales digitales. Además, es un grupo que se opone a varios marcadores sociales dentro y fuera de las cuatro líneas.

**Palabras-clave:** Fútbol. Red social. LGBT.



## Introdução

A partir de 2013, começam a surgir diversos grupos de torcedores que se posicionavam contra qualquer tipo de preconceito no espaço do futebol. São o que Mauricio Pinto (2018) chama de “*novos sujeitos-torcedorxs*”. Entre esses grupos, são inúmeras as pautas reivindicatórias - temas que começaram a ganhar relevância com o crescimento do debate social, influenciado, sobretudo, pelas redes sociais digitais. Notou-se o aparecimento de torcidas *Queer* e Livre que levantavam o debate sobre gênero e sexualidade. Também de torcidas antifascistas, que tem como pauta principal a luta contra o avanço de um fascismo por vias institucionais. Além desses, apareceram movimentos reivindicando o direito à cidade, principalmente após a construção das novas arenas multiuso no Brasil.

Boa parte desses grupos são formados por pessoas pertencentes as ditas minorias sociais – negros, mulheres e pessoas ligadas a comunidade LGBT – e possuem, como principal ferramenta de ação, as redes sociais digitais – Facebook, Instagram, Twitter, são alguns exemplos das plataformas utilizadas. Fazem o uso desse espaço virtual para manifestar suas opiniões diante de questões envolvendo o futebol e a sociedade. Em sua maioria, as críticas feitas por esses grupos são contrárias aos discursos construídos socialmente e reproduzidos no contexto futebolístico – racismo, LGBTfobia e machismo. Esses preconceitos acabam criando barreiras invisíveis que impossibilitam a participação efetiva desses indivíduos em estádios, por

<sup>1</sup> Este artigo refere-se à um fragmento de minha pesquisa de mestrado pelo Programa de História Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), sob orientação do Prof. Dr. Luiz Antonio Dias e financiamento da agência de fomento à pesquisa CAPES.

<sup>2</sup> Licenciado em História e Mestrando em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ID Lattes: 9873-1747-0428-8956, ORCID: 0000-0002-8738-3440. E-mail: guipontess66@gmail.com.

exemplo. O direito de ir e vir desses sujeitos fica comprometido. Portanto, o espaço *online* – ou virtual – dá a possibilidade desses atores sociais exporem suas críticas sem sofrerem diretamente determinadas violências.

Mas essa militância não se restringe ao virtual. Do mesmo modo que existem grupos mais centrados nas redes sociais digitais, há outros ocupando os dois espaços – o *online* e, de maneira simbólica, o *off-line* (ruas, arquibancadas etc.). Diante disso, constituem sua luta em um “espaço híbrido”.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais é construído como um espaço híbrido entre as redes sociais da internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço com o espaço urbano numa interação implacável e constituindo, tecnológica e culturalmente, comunidades instantâneas de prática transformadora. (CASTELLS, 2017, p. 25-26).

Embora a cultura contestatória por parte de torcedores não seja uma novidade no futebol – nem na sociedade –, esses novos grupos despertaram a curiosidade que vai desde amantes do futebol a acadêmicos. Trata-se de organizações que trazem consigo novidades no que diz respeito aos modos de organização, mobilização, ação e torcer. Com isso, acompanhamos nascer novos conceitos que buscam definições para esses grupos. Muito tem-se debatido os conceitos de “novíssimos movimentos sociais” e “coletivos”. Além disso, com o advento da internet e das redes sociais digitais, os debates acerca do impacto desse novo meio de comunicação vêm crescendo entre os pesquisadores. (GOHN, 2007, 2011; PEREZ, 2017; PENTEADO e OLIVEIRA, 2019).

Em virtude disso, o presente artigo tem como objetivos expor a trajetória e os modos de organização, mobilização e ação do coletivo de torcedores Palmeiras Livre. Para cumprir os objetivos, realizei entrevistas com alguns membros do coletivo. As entrevistas se enquadraram em um método semiestruturado e foram importantes para conhecer as particularidades do coletivo. A análise restrita às informações contidas em sua *fanpage* não expressaram tais informações. Foi elaborado um questionário onde foram abordadas questões relacionadas a forma organizacional do coletivo e sua dinâmica de atuação nos ambientes *online* e *off-line*.

Em um primeiro momento serão debatidos os conceitos mencionados acima. Esse debate mostra-se de enorme importância, pois o grupo de torcedores em questão se denomina como “coletivo”. Além disso, será importante para conhecermos as principais características apresentadas sobre esses conceitos. Em seguida, irei realizar um breve debate sobre a internet e seu impacto para as ações contemporâneas. Por fim, irei expor as características do coletivo e como o discurso heteronormativo age diante do grupo.

## Os Novíssimos Movimentos Sociais e os Coletivos

As teorias desenvolvidas na Europa ganharam mais espaço nas produções brasileiras. Nas décadas de 1970 e 1980, a NMS (Novos Movimentos Sociais) conseguiu representar o período de abertura para a redemocratização social e a queda do regime militar no país, acrescentando, sobretudo, a questão cultural na luta dos movimentos sociais. Dessas produções, destaco a obra *Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-80)*, publicada em 1988 pelo sociólogo Eder Sader. No texto, Sader aborda a saga de movimentos sociais populares que tinham como protagonistas os novos sujeitos históricos silenciados pelo período militar. Diante disso, com suas reivindicações, esses atores sociais abriram caminho para a ocupação da democracia e o exercício da política em novos lugares.

Nos anos 1990 e início dos 2000, no contexto da América Latina, ocorreram inúmeras mudanças políticas e conjunturais. A partir disso, há uma renovação das teorias utilizadas por aqui. Discursos culturalistas são expandidos e os pós-coloniais começam a ganhar terreno. E, também, a questão da inclusão social volta à tona nas pautas dos movimentos sociais.

[...] a discussão sobre os movimentos sociais na contemporaneidade insere-se num campo mais amplo, o da crise da modernidade e emergência de novas formas de racionalidade. [...] o debate teórico nas ciências humanas tem dado destaque à crise do paradigma dominante da modernidade, às transformações societárias decorrentes da globalização, às alterações nos padrões das relações sociais, dado o avanço das novas tecnologias, e às inovações que têm levado ao reconhecimento de uma transição paradigmática. Isso tudo tem levado à rediscussão dos paradigmas explicativos da realidade e à crítica à produção científica do último século, fundada na racionalidade da razão e na crença no progresso e no crescimento econômico a partir do consumo. (GOHN, 2007, p. 41).

Lutas locais se tornam mundiais, rapidamente, tendo a internet como principal ferramenta para essa expansão. Uma expansão em rede. Surgem em evidência o conceito dos “Novíssimos Movimentos Sociais” – por exemplo, os movimentos anti ou alterglobalização. Contudo, há o surgimento de um outro conceito usado por atores sociais e intelectuais, trata-se do “Coletivo”. (GOHN, 2007).

Com a apropriação de novos termos e conceitos utilizados por organizações da sociedade civil, estamos diante do debate sobre as ações coletivas e movimentos sociais, incorporado às demandas contemporâneas. Para Gohn (2011) os “novíssimos” seriam a novidade do milênio:

Novíssimos atores entraram em cena, tanto do ponto de vista de propostas que pautam para os temas e problemas sociais da contemporaneidade, como na forma como se organizam, utilizando-se dos meios de comunicação e informação modernos. Eles se preocupam com a formação de seus militantes, via experiência direta, e não tanto com a formação em escolas, com leituras e estudos de textos. Há uma densa e intensa rede de comunicações intra-membros, militantes com militantes. Produzem textos, boletins, artigos etc. (GOHN, 2011, p. 5).

O Movimento Passe Livre (MPL)<sup>3</sup>, é caracterizado como um “novíssimo” pois, segundo Augusto et al. (2016), atende aos princípios do “apartidarismo, horizontalidade, autonomia e constituição de frente de luta para pressionar por um objetivo específico”. Além dessas características, o elemento do ciberativismo, ou seja, uso das mídias sociais digitais como ferramenta de manifestação política, é atribuído à essa categoria.

Contudo, essas características empregadas aos “novíssimos” são bastante semelhantes às empregadas aos “coletivos”. Qual será a real diferença, se houver, entre termos?

Meirelles e Lima Neto (2018) apontam três características marcantes que diferenciam os coletivos das demais organização da sociedade civil.

A primeira delas é a primazia da participação sobre a representação. Os coletivos são fundados sob a ideia de participação direta na vida social e política, sem possuir pretensão de representação dos grupos dos quais são advindos. A esfera

<sup>3</sup> O Movimento Passe Livre é um movimento horizontal, autônomo, independente e apartidário, mas não anti-partidário. A independência do MPL se faz não somente em relação a partidos, mas também a ONGs, instituições religiosas, financeiras etc. A principal bandeira do movimento é a migração do sistema de transporte privado para um sistema público, fato que garantiria o acesso universal através do passe livre. Para o movimento, isto traria um sistema de transporte sem exclusão social.

representativa também é deixada de lado na estrutura organizacional destes grupos que, diferentemente de partidos ou sindicatos, não possuem hierarquização formalizada. [...] A segunda característica dos coletivos é a mobilização da biografia dos integrantes para a legitimação da presença no espaço público. Isto é verificável, por exemplo, ao constatar-se que para atuar em coletivos identitários, é necessário pertencer à identidade em questão, a saber, ser negro para estar em coletivos de negritude ou ser mulher para participar de coletivos feministas. A terceira e última característica é a ausência de vínculos formais ou duradouros com outras instituições do Estado, mercado ou sociedade civil. Os coletivos se diferenciam de outras organizações por prezarem fortemente pela autonomia organizacional e política, consequentemente suas relações com outras organizações são incipientes ou inexistentes. (MEIRELLES e LIMA NETO, 2018, s/p apud OLIVEIRA, 2019, p. 52).

Logo, “os coletivos seriam fluídos, fragmentados, sem liderança, diferenciados internamente, autônomos, com múltiplas pautas e temporárias e forte presença na internet”. (PEREZ e SOUZA, 2017, s/p). Desta maneira, os coletivos se distanciam das organizações não governamentais e associações burocratizadas.

As ações do coletivo podem “[...] agregar múltiplas demandas, e, por meio de debates periódicos, são definidas quais as pautas prioritárias, a partir da conjuntura política que é mantida em permanente análise”. (MAIA, 2013, p. 69). Ademais, a mesma autora nos revela que como os coletivos não possuem uma pauta permanente, praticam ações espontâneas que podem ser renovadas a cada encontro ou reunião do grupo. Portanto, os coletivos possuem ações mais pontuais em cima de determinados assuntos. Além disso, são atribuídos aos jovens, pois seus meios de organização e ação se distancia das formas estruturais dos outros movimentos.

Diante dessa questão das múltiplas demandas e pauta flutuante, pode-se notar, após levantamento sobre estudos que possuem o termo “coletivo” como objeto de estudo, a atuação dessa forma de organização em diversos campos sociais. As pesquisas abrangem as questões de coletivos estudantis (MESQUITA, 2003; OLIVEIRA, 2019). Além de questões envolvendo coletivos culturais e artísticos (GONÇALVES, 2010; BORELLI e ABOBOREIRA 2011; MEDEIROS, 2013; BASSANI, 2016; SILVA, 2018). Por fim, coletivos envolvendo questões de direito à cidade (HORI, 2017; OLIVEIRA, 2019).

Em estudo recente, Oliveira (2019) pesquisou as práticas organizativas e de atuação, as identidades coletivas e os objetivos políticos de grupos que se autodenominam “coletivo”, a fim de analisar elementos comuns que os caracterizam, bem como investigar as tensões e os limites que os atravessam nas suas relações internas e nas interfaces com a sociedade. A pesquisa foi realizada com cinco coletivos de diferentes temáticas da cidade de São Paulo. A autora constou, em sua pesquisa, que a autodenominação “coletivo” está associada ao emprego de práticas de organização e de atuação mais horizontais e colaborativas.

Abandonando a mediação das instituições e utilizando a estrutura dos Movimentos Sociais americanos dos anos 60 e 70, a organização dos grupos contemporâneos se manifesta de forma segmentada porque se compõe de diferentes grupos em modo celular; é policêntrica porque possui muitos centros de direção ou líderes; é integrada porque os líderes e os segmentos estão dispostos em um reticulado de sistemas ou rede através de vários vínculos estruturais, pessoais e ideológicos”. (ANTOUN, 2005, p. 06-07 apud GUEDES, 2013, p. 44).

Desse modo, podemos ver que é difícil empregar características concretas aos “novíssimos movimentos sociais” ou aos “coletivos”. Definindo em isso ou aquilo. No caso específico dos coletivos, devido a suas múltiplas demandas, não é possível reuni-los sob um mesmo

conjunto de características, ou seja, não é possível tratá-los como uma unidade. (PEREZ e SOUZA, 2017).

São movimentos que acompanham as mudanças sócio históricas e captam as frustrações atuais dos atores sociais em ritmo constante, na sociedade contemporânea. Segundo Alcântara (2015), essa nomenclatura serve apenas para demarcar continuidades e discontinuidades de ação e de formas organizativas ao longo do tempo. No entanto, nesse artigo, iremos assumir que são “coletivos”. Justifica-se essa decisão, de acordo com as características acima apresentadas sobre os coletivos. Notaremos que são características presentes no objeto exposto e, também, nas falas das entrevistadas.

A seguir, será exposto o debate sobre as formas de comunicação digital e como isso interferiu e possibilitou o surgimento de novas formas de atuação e organização da sociedade civil.

### **As Novas Mídias de Comunicação Digital**

O processo de evolução da comunicação, sobretudo da internet, possibilitou o surgimento de diversas novas formas de organização e ação da sociedade civil. Ademais, atualizou algumas já consideradas ultrapassadas. Superando o aspecto de canal para a divulgação, o uso das mídias sociais digitais permitiu um novo tipo de manifestação política, por meio da construção de novos espaços. Além disso, a velocidade com que os discursos são difundidos possibilitou aos movimentos uma grande arma para expor seus ideais.

Alonso (2017) nos recorda a importância do ciclo de protestos de 2011 a 2013 ao redor do mundo e no Brasil. Este período marcou o ressurgimento de antigos e o aparecimento de novas organizações civis. Segundo Alonso, três repertórios apareceram durante esse período, no Brasil. Primeiramente, o repertório socialista reapareceu com suas bandeiras vermelhas e estrutura vertical. O segundo repertório foi o patriota, que ganhou forças ao longo dos anos, sobretudo após as eleições presidenciais de 2014, onde a polarização política começou a encontrar seus lados mais agudos. O terceiro, e último, é o repertório autonomista. Este causou novidade pois “nele se combinam estilo de vida alternativo (anti-hierarquia de gênero, compartilhamento de espaços e objetos), organização descentralizada, deliberação por consenso e ações performáticas e diretas (tática *black bloc*), contra símbolos dos poderes financeiro e político (anticapitalismo, antiestatismo)”. (ALONSO, 2017, p. 49). Além do mais, esse último repertório está bastante presente nas redes sociais digitais, e, muitas vezes, só existe por conta dessa ferramenta.

A Internet vem sofrendo transformações contínuas. A conexão *online* nos permite o acesso ao mundo inteiro. Por meio de links, sites, portais, fóruns ou redes sociais digitais, podemos ter acesso à um ambiente local e, ao mesmo tempo, global. Várias construções sociais foram adaptadas para o mundo *online*. Outras surgiram já inseridas nesse ambiente. O processo de construção de significado caracteriza-se, segundo Castells (2017), por um grande volume de diversidades. Ainda segundo este autor, “existe, contudo, uma característica comum a todos os processos de construção simbólica: eles dependem amplamente das mensagens e estruturas criadas, formatadas e difundidas nas redes de comunicação multimídia”. (CASTELLS, 2017, p. 21). Assim, uma das características principais de grupos que se conectam por meio do uso da Internet, “parece ser a presença de capital e interação social e laços decorrentes deles”. (RECUERO, 2009, p. 147). “No ativismo midiático a comunicação é, ao mesmo tempo, meio e fim de luta, sendo crucial para a transformação do poder e do controle dominante” (ALCÂNTARA, 2015, p. 82).

A partir disso, temos uma mudança fundamental no domínio da comunicação. A produção de relações de poder sofreu intervenções diretas devido a evolução da internet. O monopólio da comunicação das grandes empresas de televisão, por exemplo, abalou-se com a ressignificação das formas de produção dos conteúdos. Nos últimos anos, emergiu o que Castells (2017) chama de “autocomunicação”, realizada por indivíduos para outros indivíduos. As informações são construídas e distribuídas de forma horizontal.

[...] a autocomunicação de massa, baseada em redes horizontais de comunicação multidirecional, interativa, na internet; e, mais ainda, nas redes de comunicação sem fio, atualmente a principal plataforma de comunicação em toda parte.” (CASTELLS, 2017, p. 158).

Pierre Lévy, em *Cibercultura* (2012), traz uma analogia sobre essa evolução. O autor compara o avanço da comunicação via internet, por indivíduos comuns, à invenção dos correios ponto a ponto. Antes dessa invenção, as correspondências eram apenas de ordem do poder central aos habitantes. Posteriormente, a comunicação acabou atingindo mais espaços em contextos cada vez mais específicos.

[...] No entanto, a verdadeira inovação social, a que afetou as relações entre as pessoas, só iria chegar no século XVII, com o uso da técnica postal em proveito da distribuição do correio ponto a ponto, de indivíduo para indivíduo distante, e não mais apenas do centro para a periferia e da periferia para o centro. Essa evolução resultou de um movimento social que ultrapassa progressivamente o dispositivo inicial centro-periferia, a princípio na clandestinidade e na ilegalidade (uma ilegalidade tolerada, ou mesmo encorajada pelo Estado), depois de forma cada vez mais aberta e oficialmente aprovada. [...] Ressaltamos que a informática pessoal não foi decidida, e muito menos prevista, por qualquer governo ou multinacional poderosa. Seu inventor e principal motor foi um movimento social visando a reapropriação em favor dos indivíduos de uma potência técnica que até então havia sido monopolizada por grandes instituições burocráticas. (LÉVY, 2012, p. 126-127).

Outra característica trazida pela internet, é a possível comunicação à longa distância, colaborando para a construção de uma rede de contatos. Isso se tornou possível graças a criação de, primeiramente, salas de bate-papo e, posteriormente, as redes sociais digitais. O *Facebook*, por exemplo, possui três formas de registros: perfis (criado por usuários permitindo o uso pessoal), grupos (que reúnem diversos perfis pessoais com interesses em comum) e páginas, ou *fanpage*. Essas permitem aos usuários a criação e compartilhamento de conteúdo, podendo alcançar milhares, ou em alguns casos, milhões de pessoas.

A rede, portanto, centra-se em atores sociais, ou seja, indivíduos com interesses, desejos e aspirações, que têm papel ativo na formação de suas conexões sociais [...] as pessoas trocam não apenas informações, mas bens, suporte emocional e companheirismo. (RECUERO, 2009, p. 143).

Ademais, “as comunidades virtuais não são desconectadas do espaço concreto e das interações face a face. [...] Muitos acreditam que a mediação pelo computador, inclusive, facilita para que os atores demonstrem intimidade e proximidade nas relações sociais”. (SMITH, 1999 apud RECUERO, 2009, p. 137/138).

Diante desse contexto é que as manifestações, movimentos e ações coletivas se encontram. Este século representa a ascensão da comunicação via internet como novo espaço de

atuação política. O que permitiu uma expansão das ideais e criação de novas identidades coletivas.

### **Palmeiras Livre e a questão LGBTQI+ nas arquibancadas**

O coletivo Palmeiras Livre surgiu em 12 de abril de 2013, como uma *fanpage* na rede social digital *Facebook*, buscando a união de torcedores palmeirenses “desconstruídos”, a fim de debater questões sociais dentro do ambiente futebolístico. No momento de escrita desse texto, a *fanpage* conta com 10.718 curtidas.

Para coletar as informações que a *fanpage* do coletivo não me proporcionava, entrei em contato direto, primeiramente por *chat*, explicando os objetivos da pesquisa. Foi desta maneira que consegui contato com Ana Rita de Cássia dos Santos Trindade, uma das pessoas responsáveis pela administração comunicacional da *fanpage*. Ana tem vinte e sete anos, nasceu e reside em Manaus, capital do estado do Amazonas. Quando cedeu a entrevista cursava Ciências Sociais. A entrevista foi realizada via Skype e ocorreu dia dezenove de setembro de 2019.

Em seguida, buscando mais interações, entrei em contato com o e-mail disponível na descrição da *fanpage*. O e-mail pertence a Thais Gomes da Silva Nozue. Thais Nozue – como prefere ser chamada – nasceu em Araraquara, interior de São Paulo, tem trinta e seis anos e trabalha profissionalmente como arte-educadora e fotógrafa. Após o envio do e-mail, Thais prontamente respondeu. Marcamos a entrevista presencial e ela ocorreu dia onze de fevereiro de 2020, na área de conveniência do Sesc Consolação, na cidade de São Paulo.

Ambas entrevistadas estão no coletivo desde o início. Isso permitiu que as questões sobre a organização fossem respondidas sem maiores problemas. Diante das respostas, foi possível notar diversas características atribuídas às novas formas de organizações contemporâneas da sociedade civil.

A primeira questão levantada foi como, quando e por que o coletivo surgiu:

O coletivo, na verdade, o coletivo ele nasceu foi ideia, tipo... an... foi em 2013, né?! E aí, é... a Ligi que é uma moça de Natal-RN, tava procurando torcedores do Palmeiras que fossem abertos a... que fossem desconstruídos. [...] E aí quando começou a demanda dela aumentar, ela disse: “eu não to conseguindo fazer sozinha”. E aí, ela fez uma publicação, na página da Palmeiras Livre, eu acho que é lá do início, não sei se ainda tem essa publicação, mas lá no início, lá... mesmo. Ela simplesmente fez essa publicação e aí quem quisesse, quem “tivesse” interessado entrasse em contato via... inbox, né?! [...] Aí a gente começou a se juntar, começou eu, aí veio a Ligi, que fundou a página, e aí depois veio eu, veio a Thais, aí depois veio as outras, as outras, os outros meninos. Veio a Amara que eu te falei, eu acho, eu acho que já te falei, que ela é uma travesti, veio... aí por último aí foi entrando, foi entrando o William de Lucca, que ele já até saiu, é... e aí, de um ano pra cá mais ou menos começou, a gente teve a ideia, é... de fundar então o coletivo Palmeiras Livre, né?! (Ana Trindade).

Com essa fala, podemos notar a forte influência da Internet para a formação do coletivo. Primeiramente, como uma *fanpage* e, posteriormente, como coletivo fora das redes sociais digitais. A partir dessas conexões, foi possível unir pessoas de diversas partes do país para a causa. Criando-se, a partir disso, uma descentralização entre os principais membros do coletivo.

O contexto de surgimento do Palmeiras Livre representa a ascensão de diversos outros movimentos na sociedade, impulsionados pelo uso da internet e influenciados pelos movimentos mundiais dos anos anteriores (2011-2013), que utilizavam sobretudo a internet como forma de mobilização e manifestação. (ALONSO, 2009; OLIVEIRA, 2019).

Com os coletivos de torcedores foi possível notar uma ascensão desses movimentos, tendo o Galo Queer como pioneiro<sup>4</sup>.

Então, surgiu... começou, quem começou o movimento mesmo, acho que foi a Galo, Galo Queer, eu acho que é assim que fala. Que é a torcida do Atlético Mineiro, né?! Aí foi uma torcida é... e aí... apareceu a Galo Queer, a Bambi Tricolor e a Palmeiras Livre. Foram as três, e aí depois veio uma do Corinthians que eu não lembro agora. (Ana Trindade).

É visível uma ascensão de coletivos torcedores que surgiram nesse contexto de 2013, sobretudo movimentos ligados à questão de sexualidade e gênero. Além dessas, mencionadas por Ana, surgiram também a Cruzeiro Maria, Corinthians Livre, Grêmio Queer, Queerlo-rando, entre outras.

O debate desses temas está bem claro na descrição da *fanpage*: “um movimento anti-homo e transfobia, contra o racismo e todo tipo de sexismo (os machismos e misoginias em especial), destinado à torcida que mais canta e vibra. Porque paixão pelo Palmeiras não tem nada a ver com intolerância”<sup>5</sup>.

Além disso, o nome representa isso, a liberdade dos corpos. O surgimento desses movimentos representa a ascensão do debate em torno de uma heteronormatividade no futebol, questionando a ideia do “jogo para macho” e reivindicando o direito de participação de mulheres e pessoas LGBT, historicamente segregadas desse espaço. (PINTO, 2018).

Ademais, a descrição e inúmeras publicações revelam que há o combate ao racismo. Características das novas organizações contemporâneas, as múltiplas reivindicações revelam uma flexibilidade desse coletivo, não possuindo uma pauta única e centralizada. (PEREZ e SOUZA, 2017; PENTEADO e OLIVEIRA, 2019).

Embora haja diversas pautas para discussão, Ana revelou que não há conflito interno perante a isso. Entretanto, segunda ela, há uma divergência em cima das visões político partidárias dos participantes.

Não, o que gera mais conflito interno é a questão político-partidária. Fora, tipo assim, fora essa questão... da visão quanto ao racismo pra gente, no nosso coletivo, o que gera mais atrito é a questão político partidária. Porque tem gente que é do PT, tem gente que é do PSOL, tem gente que é do PTB, tem gente que é... então, né. São visões diferentes, então meio que, às vezes, tem assim umas “faisquinhas”, não encosta. Tem uns debates bem bacanas. (Ana Trindade).

Diante disso, é comum vermos conflitos internos nos grupos, pois a interação social se dá a partir da competição, cooperação e conflito. Entretanto, o conflito não precisa ser visto como um elemento negativo.

<sup>4</sup> Tem-se o debate sobre quem foi realmente o pioneiro nesse novo modo de atuação torcedora. Alguns autores defendem que os Ultra Resistência Coral, pertencentes à torcedores do Ferroviário - time do estado de Pernambuco, foi a primeira torcida a pensar o futebol como palco para manifestações. No entanto, foi realmente a partir de 2013 que houve o surgimento de inúmeros coletivos torcedores com essas características.

<sup>5</sup> Link de acesso para a página: <https://www.facebook.com/PalmeirasLivre/>



[...] a cooperação, a competição e o conflito não são, necessariamente, processos distintos e não relacionados. São, sim, fenômenos naturais emergentes das redes sociais. O conflito, por exemplo, pode envolver cooperação, pois há a necessidade de reconhecimento dos antagonistas como adversários. [...] os indivíduos e grupos podem “competir para melhor cooperar. (OGBURN e NIMKOFF (1975) apud RECUERO, 2009, p. 82).

Embora ocorram divergências político-partidárias, o movimento, em si, não possui alinhamento com nenhuma instituição política, revelando um apartidarismo.

[...] é suprapartidário. Por exemplo: lá tem gente do PT, tem gente do... PSOL, tem gente de vários partidos, entendeu?! Então, assim, somos alas sim de partidos não tem, assim, apenas uma pessoa. Tem gente que é do PDT, tem gente que é de várias coisas. Isso... o coletivo em si não tem. Tanto que, recentemente, houve até o desligamento de um dos membros porque ele vai se candidatar pra vereador ano que vem, o William de Lucca... isso. Aí ele foi... ele se desligou por, pelo mesmo motivo. Porque ele não queria também... sabe, trazer essa coisa, tipo, porque querendo ou não, o William hoje, ele já tem uma certa fama, entendeu?!”. (Ana Trindade).

Além desse apartidarismo, foi possível notar a diversidade de teorias e ideologias presente no interior do grupo. “[...] a grande maioria é de esquerda. Mas tem, tem anarco, tem marxista, tem ecossocialista, eco trabalhista, tem trabalhistas, tem... enfim. Não tem... é, uma única vertente, entendeu!?” (Ana Trindade).

Diante disso, é comum notar que a maioria dos participantes fazem parte de outros movimentos sociais, ações coletivas ou formas de organização da sociedade, simultaneamente com a participação no Palmeiras Livre. Criando, dessa maneira, uma rede de atuações flexíveis e compartilhamento de experiências em todas essas participações.

A faixa etária se mostra bastante diversa. Embora estudos como os de Maia (2013) atribuam aos jovens a participação em organizações contemporâneas, isso não é visto no contexto do Palmeiras Livre.

Eu acho que a mais jovem deve ter uns 19 anos, mais ou menos 18 anos. An... eu acho que a mais velha, é uma senhora que eu não lembro o nome. [...] É, eu acho que é a mais velha. Olha ela já é mãe... e a filha dela já tem uns vinte e poucos anos. Eu acho que ela tem uns 45. Assim, de 45 a 50. (Ana Trindade).

Embora os jovens tenham mais acesso à internet, o que permite um contato mais direto com essas novas organizações, devido a centralidade nas redes sociais digitais, isso nos revela que o uso da internet por pessoas mais velhas está cada vez maior. Além disso, revela também a eficácia da comunicação do coletivo, atingindo um número maior de pessoas.

Outra questão que foi possível notar é a diversidade de classes sociais.

Olha, tipo, a grande maioria é classe média, mas existe gente que tem, que é classe altíssima e tem gente, tipo eu, que sou uma lascada da vida, universitária em tempo integral e não tem dinheiro porque não dá pra trabalhar, né?! Ainda... tem gente de todo tipo. (Ana Trindade).

Entretanto, dentro dessa diversidade de visões e classes, Thais lamenta que a quantidade de mulheres seja menor que a de homens.

É... ainda, assim... no WhatsApp é muito mais homens, né?! É... ainda por essa questão do futebol, né?! ser um ambiente majoritariamente masculino, ainda tem essa, essa divisão mais diferenciada. E, se eu não me engano, no Facebook, também um pouco mais de homens do que de mulheres, ainda... (Thais Nozue).

O coletivo não possui sede, reforçando a ideia de sua centralidade nas redes sociais digitais. Entretanto, mesmo não possuindo um espaço físico, a centralidade na internet permite ao coletivo uma maior ramificação de contextos e áreas de atuação. Todas as reuniões e debates são realizados *online*. Segundo Hine (2015), é quase impossível desassociar o uso da Internet com as redes sociais digitais, com o cotidiano da maioria das pessoas, no conceito de *Everyday Internet (Internet Cotidiana)*. O uso dessas ferramentas de comunicação alternativa, reforçam a ideia de uma “autocomunicação” por parte do grupo. (CASTELLS, 2017).

Perante a forma de organização do coletivo, notou-se uma horizontalidade. Ana relatou que a organização não depende somente de uma pessoa, portanto não há um líder. Contudo, há a divisão de tarefas entre alguns membros para a realização de atividades, sobretudo nas redes sociais digitais. Quando essa entrevista foi realizada, eram aproximadamente cinquenta membros, sendo cinco os responsáveis pela administração.

Olha, líder, líder, oficialmente, não tem. Todos nós temos o mesmo poder de escolha, essa coisa. Mas, quem mais toma a frente é a Thais, né?! Talvez por ela morar em São Paulo e tal, fica mais fácil pra ela. [...] Então, é... assim, tem a Palmeiras Livre, tem os seguidores que são palmeirenses tal, tal, tal, que eles não fazem parte da administração. Parte da administração hoje, faz parte eu, a Jéssica, a Thais, o Maurício... e tem mais alguém que eu não lembro agora. Aí somos nós que fazemos parte desse pequeno grupo que organizamos, entendeu?! As publicações, essas coisas. Tipo, não é todo mundo, que, que frequenta o coletivo que... Que faz publicações. Essas publicações, é um grupo mais seletivo. (Ana Trindade).

Embora ocorra essa divisão de tarefas, Thais revela que é apenas por questão de organização. O coletivo se comunica majoritariamente pelo aplicativo de mensagens *WhatsApp*, onde todos opinam diante das ações a serem praticadas.

É... majoritariamente a gente se comunica pelo WhatsApp. Tem dois grupos: o geral e o grupo das pessoas que ficam na administração. Que combinam irem em jogos, em treino, é... agora com a ascensão do futebol feminino, o investimento, né?!, do Palmeiras é... também, pra ir, incentivar. E a gente se comunica majoritariamente pelas redes sociais. [...] Mas sugestões, textos, todo mundo colabora. (Thais Nozue).

Revelando que a questão da cooperação, apontada por Recuero (2009), é importante para a continuidade do trabalho em grupo.

A cooperação pode aparecer, por exemplo, na formação de grupos na Internet. *Weblogs* coletivos, por exemplo, são *weblogs* produzidos por um grupo de pessoas. Eles dependem da cooperação entre todos os envolvidos para que continuem a existir, já que é preciso atualizar, ler comentários e, sobretudo, dividir as informações. [...] Esses sistemas são apenas possíveis porque há cooperação entre os indivíduos envolvidos em torno da proposta. (RECUERO, 2009, p. 83).

Castells (2017) afirma que quanto maior a comunicação e compartilhamento de experiências entre os indivíduos, menor é a hierarquia do grupo. Pois a informação, em teoria, está sempre circulando entre todos os integrantes. Diante disso, não importa, por exemplo, o

tempo de atuação no coletivo: todos os integrantes possuem poder de fala idênticos. Em consequência disso, é possível verificar uma estruturação em rede.

Uma estrutura em rede - que é uma alternativa à estrutura piramidal - corresponde também ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. [...] Na estrutura organizacional em rede - horizontal - todos têm o mesmo poder de decisão, porque decidem somente sobre sua própria ação e não sobre a dos outros. Não há dirigentes nem dirigidos, ou os que mandam mais e os que mandam menos. E todos têm o mesmo nível de responsabilidade - que se transforma em co-responsabilidade - na realização dos objetivos da rede. (WHITAKER, 1993, p. 2-3).

Além dessa colaboração entre os membros do coletivo, há um diálogo com outros coletivos do Palmeiras. Os coletivos torcedores não enxergam os outros grupos de times rivais como inimigos, mas sim como adversários. Sendo assim, afirmam que é importante o diálogo. Diante disso, podemos notar a construção de uma rede desses novos atores sociais em um associativismo local. (SCHERER-WARREN, 2006).

Olha, a gente tem diálogo com a Porcomunas, com... a Palmeiras Antifa... Antifascista, antifascista... e com... Porque tem o Porcomunas e o Porcominas, né?! (Ana Trindade)

A gente se comunica, tem outros... alguns representantes de vários coletivos do Palmeiras, a gente tem um grupo. E aí acaba conversando com todo os coletivos pra fazer ações: colar lambe-lambe, fazer algum protesto pra... abertura da rua, é... ir todo mundo com segurança, levar bandeira ou não levar, a camiseta vai fazer ou não vai fazer, vai vender ou não vai. Então, montamos um grupo com, pelo dois/três integrantes de cada coletivo do Palmeiras pra poder nos organizar de alguma forma, é... ser maioria, né?! Assim, não irmos só Palmeiras Livre, só Palmeiras Antifascista, só Porcomunas, juntar todo mundo pra ter uma força maior. Hoje, desde o ano passado, a gente tá tendo esse tipo de movimento. (Thais Nozue).

Além disso, foi possível notar aqui o conceito do espaço-híbrido, quando o coletivo se junta para ocupar ruas ou fazer alguma ação nos ambientes urbanos. (CASTELLS, 2017).

Entretanto, abordadas se possuíam diálogo com a Sociedade Esportiva Palmeiras ou com outras torcidas do clube, sobretudo as organizadas, as entrevistadas negaram um envolvimento direto e indireto.

[...] assim, nenhum presidente, de nenhuma organizada, nenhum diretor, nenhuma pessoa do tipo chegou até nós e disse assim: “Ah, vamo fazer uma parceria”. Não, entendeu?! [...] Tipo, pode ser que é... alguma pessoa, é... compartilhe do mesmo pensamento que a gente mas não assuma, entendeu?! Não pra organizada. É bem complicado. (Ana Trindade).

Sempre tem alguém, que conhece alguém, que conhece alguém, mas apoio dito verbal... não. (Thais Nozue).

Isso se dá por diversos motivos, dentre eles, os discursos construídos em cima do futebol de afirmação de uma heteronormatividade. O que, infelizmente, acaba minimizando o debate para além da bolha social do coletivo. A construção de gênero e sexo não são naturais, sendo, portanto, uma criação que busca enquadrar as pessoas socialmente em aspectos de

gênero/sexo/desejos. Criando a divisão entre homem e mulher e suas funções biológicas e sociais. Uma dualidade que deve ser seguida à risca na busca da matriz heteronormativa:

[...] a matriz heteronormativa exige a instituição de posições discriminadas e assimétricas entre feminino e masculino, em que estes são compreendidos como atributos expressivos de macho e fêmea. Essa mesma matriz requer ainda, que certas identidades não possam existir, isto é, aquelas em que o gênero não decorre do sexo e aquelas em que as práticas do desejo não decorrem nem do sexo, nem do gênero. (SOUSA, 2013, p. 5).

A construção dessa dualidade heteronormativa ultrapassou o âmbito do jogador e chegou ao torcedor:

Os torcedores de futebol que frequentam os estádios são produzidos ao longo de diferentes jogos e situações. Os cânticos repetidos, performances executadas, emoções explicitadas são didaticamente empregados, produzindo uma lógica de atitudes fundamental para o tipo específico de fruição dos espetáculos futebolísticos nos estádios. Dentre os mais variados conteúdos que se ensinam, aprendem e disputam nos estádios de futebol a masculinidade possui preponderância. É importante frisar que a masculinidade vivida nesse contexto cultural específico possui algumas características particulares: ela é machista e homofóbica. Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas. (BANDEIRA e SEFFNER, 2013, p. 247-248).

Portanto, assim como na sociedade, o discurso heteronormativo está presente no futebol. Negando toda e qualquer forma de expressão que seja contrária a isso. Os considerados como não-sujeitos, são jogados à marginalidade social, sendo vítimas de discriminação e violência, tendo práticas extremistas como resultado de um ódio por esse não-sujeito. (SOUSA, 2013).

A manifestação da homofobia, segundo Leal e Carvalho (2008), pode ser dividida em duas partes: uma individual, ou psicológica e outra social ou cognitiva. No primeiro caso, ela se apresenta como uma manifestação emocional fóbica, que pode chegar a envolver náusea, asco e mal-estar, enquanto no segundo caso, baseia um conhecimento do homossexual sobre um preconceito que os reduz a um clichê. É o caso, por exemplo, das piadas e insultos que costumeiramente reduzem gays, lésbicas ou transgêneros a grotescos personagens de escárnio. (LEAL e CARVALHO, 2008 apud SOUSA 2013, p. 6).

Essa violência contra os “não-sujeitos” pode ser observada nas falas de Thais e Ana. Ao expor a criação e início da atuação do coletivo, Ana relata a indignação de outros torcedores palmeirenses pela causa do grupo, exemplificando o segundo estágio da manifestação de homofobia com os insultos “bambi”, “bando de viado” e “viadinho”:

[...] os torcedores palmeirenses atacaram muito a gente no início, até hoje a gente sofre alguns ataques virtuais, mas hoje nem tanto. Mas na época: “Ah, um bando de viado quer dizer que entende de futebol e tá sujando nosso no... nosso time. Quem é bambi, quem é viadinho é são paulino”, entendeu?! Ficavam muito essas coisas. A Thais chegou a sofrer ameaças, foi bem complicado nesse início. Agora já tá mais tranquilo. (Ana Trindade).

Thais relatou uma experiência que ocorreu quando foi a um jogo da Sociedade Esportiva Palmeiras e destaca também a dificuldade de o coletivo praticar suas ações nos jogos do time masculino do Palmeiras.

Uma vez eu fui com uma camiseta do Palmeira Antifascista e fui abordada por um careca me dando um toque, porque eu tava com a minha filha, que talvez não fosse legal entrar, porque ele era de boa, mas outras pessoas poderiam não ser. [...] O masculino é bem mais difícil, a gente tem, quando vai postar tem que postar com o rosto coberto. Infelizmente, a gente não pode mostrar o rosto. (Thais Nozue).

Essa ação demonstra um certo monitoramento por parte de outros torcedores em busca da manutenção do seu espaço contra possíveis “intrusos” que poderiam trazer uma mudança significativa no contexto. Portanto, por meio desses pequenos atos que geram um enorme trauma, faz-se uso de uma violência simbólica. Segundo Rosa (2007).

[...] a violência simbólica representa uma forma de violência invisível que se impõe numa relação do tipo subjugação-submissão, cujo reconhecimento e a cumplicidade fazem dela uma violência silenciosa que se manifesta sutilmente nas relações sociais e resulta de uma dominação cuja inscrição é produzida num estado dóxico das coisas, em que a realidade e algumas de suas nuances são vividas como naturais e evidentes. Por depender da cumplicidade de quem a sofre, sugere-se que o dominado conspira e confere uma traição a si mesmo. (ROSA, 2007, p. 40).

Com isso tudo, diante dessa barreira social e toda violência sofrida pelo coletivo desde o seu início, a atuação do grupo em ambientes urbanos é bem restrita. Por fim, Thais destaca o papel das redes sociais digitais para a sociabilidade, manifestação e torcida por parte desses torcedores.

É... na verdade a gente... como ainda há muita barreira pra gente poder torcer de forma livre dentro do estádio, a rede social se tornou, praticamente, uma arquibancada pra gente, ne?! e pra boa parte dos outros coletivos de esquerda que existem dos times assim, a gente vai pro estádio, sempre que tem a oportunidade, com segurança, a gente leva bandeira, é... o jogo mais acolhedor pra gente poder levantar as nossas pautas são, é no futebol feminino. Então a rede social virou a nossa arquibancada pra torcer com segurança. Porque as ameaças acabam sendo virtuais. (Thais Nozue).

## Considerações Finais

Em conclusão, foi possível constatar, perante as informações aqui expostas e analisadas, que esse coletivo de torcedores é, portanto, uma forma de política que problematiza, de maneira parcial ou geral, a reprodução e manutenção de discursos sociais excludentes nos estádios, redes sociais digitais e nas ruas. Buscam politizar espaços socialmente construídos como neutros ou que não debatem sobre política, diferenças e clivagens sociais. (TAPIA, 2008).

Promove, desta maneira, um aumento da discussão sobre grupos oprimidos. Torna-se espaço de sociabilidade e acolhimento. Cria maneiras de torcer agregando outros elementos ao sentimento identitário pelo clube. Afirmado, dessa maneira, que esse coletivo de torcedores vai muito além dos espaços internos do futebol.

[...] tendem a fazer do futebol uma arena privilegiada de lutas políticas e sociais mais amplas, ainda que questões ligadas ao clube e ao futebol também façam parte de sua agenda. Essa diferença de pauta parece motivar modos de atuação distintos. Enquanto o principal espaço de ação política das torcidas organizadas é o estádio, o de muitos coletivos, por seu turno, é a rua. (HOLLANDA e LOPES, 2017, p. 225/226).

Além dessas características, esse grupo assemelha-se bastante às novas formas de organização e ação coletiva contemporâneas. Possui uma forte atuação nas redes sociais digitais: levanta debates, faz críticas, comenta sobre futebol e sobre os problemas que assolam a

sociedade. Muitas vezes, esse se torna o único espaço onde podem atuar identificando-se como coletivo sem sofrer algum tipo de represália.

As formas organizacionais são baseadas na horizontalidade. Esse método de organização é alternativo aos convencionais. Isso se dá, segundo Mesquita (2008) devido à crise na representatividade político institucional na democracia liberal. Desacreditados da estrutura partidária que são centralizadas, burocráticas e hierarquizadas, essas novas formas de organização da sociedade civil fazem uso de uma alternativa em rede em busca de sanar seus anseios sociais e políticos. Com isso, esse grupo pratica, de forma minimizada no interior, uma democracia representativa onde todos possuem o mesmo poder de voz e ação.

Além dessa questão organizacional, é um coletivo apartidário. Seus canais de comunicação são realizados, sobretudo, por ferramentas *online*. Busca a construção de uma rede de ações com outros coletivos torcedores de times rivais e não possui uma pauta fixa.

Essa fluidez diante da pauta fixa permite ao coletivo debater inúmeras questões sociais que envolvem raça, gênero, sexualidade, economia e política, nos mais diversos contextos da sociedade. É formado por pessoas que, diariamente, estão inseridas nesse contexto ou que possuem um conhecimento mais aprofundado sobre isso. Logo, apresenta uma estreita conexão com o debate acadêmico sobre clivagens sociais. (PEREZ, 2017).

Os sujeitos que fazem parte desse coletivo são de diversas classes sociais e idades – revelando que a adesão à essa forma de atuação não se restringe apenas aos jovens. Além disso, são sujeitos que construíram sua consciência social a partir de diversas experiências vividas socialmente. Também, por fim, são sujeitos que participam e que se identificam com diversas causas políticas e sociais.

Além dessa questão da criação de redes e laços entre as pessoas, é possível perceber a ascensão de um *ciberativismo*. Guedes (2013) aponta que, para que haja a compreensão da utilização desse espaço virtual, por movimentos sociais em manifestações políticas, faz-se necessária uma reflexão sobre o termo “*ciberativismo*”.

A palavra significa “ativismo cibernético”, ou seja, aquele realizado no ambiente da web. Esta modalidade de protesto ou de trabalho por causas, realizada por meio dos ambientes eletrônicos de comunicação, pode ser considerada como um novo tipo de Movimento Social. O ciberativismo tem sido bastante utilizado por alguns dos meios de comunicação para organizar reuniões políticas e sociais, disseminar mensagens para um número maior de pessoas sem depender dos veículos tradicionais de comunicação. O objetivo dele é trabalhar com maior liberdade de expressão tanto na troca de informações como na expressão e compartilhamento delas e para a realização de ações impactantes. [...] o ciberativismo possui um foco maior em temas ambientais, políticos e sociais. Baseia-se no crescimento de usuários da Internet e também da telefonia móvel, buscando maior visibilidade, com menos custos na produção dos seus eventos ou conteúdos. A eficácia deste movimento é a garantia de gastar menos tempo para as comunidades virtuais conhecerem o movimento e fazerem sua adesão. O ciberativismo possibilita ainda, movimentar as ideias com a certeza de maior alcance. Ele une o ativismo real ao ambiente veloz das novas mídias [...]. (GUEDES, 2013, p. 43-44).

A internet possibilitou aos atores sociais a tomada de um novo espaço que pudessem utilizar para manifestar-se politicamente. Diante disso, diversos grupos excluídos socialmente puderam se manifestar nesse novo espaço.

Atualmente é impossível pensarmos nossas vidas sem a internet. Segundo Hine (2015), é impensável dizermos que a vida *online* e a vida externa à internet estão dissociadas. Estar *online* não é fazer contraposição ao mundo físico. Mesmo podendo inibir algumas ações e

fantasiar outras, a utilização da internet já faz parte do cotidiano social, apresentando-se como um meio ou recurso disponível para ser utilizado. Esse uso contínuo da internet foi classificado, pela autora, como *Everyday Internet* (Internet Cotidiana).

Portanto, a partir dessas possibilidades, o uso da internet não é neutro.

O uso corresponde a uma necessidade que a tecnologia busca cumprir e essa meta é formulada por interesses particulares, ou seja, não há como pensarmos na tecnologia de maneira neutra. As opções que a internet oferece estão dispostas para os usuários, cabe a eles determinar como usarão. A atuação dos usuários, anteriormente mencionada, é capaz de influenciar debates políticos e até eleições. (SALTER, 2004 apud SAMPAIO, 2010, p. 44).

Com isso, buscando atingir seus objetivos e alavancar debates, esse coletivo faz uso da internet. Com textos, imagens, notas de repúdio, comentários ou uso das hashtag, a internet permite aos atores sociais a realização de

[...] um conjunto de atos de resistência e de contra insurgência de vidas que não se deixam capturar pelo controle e reivindicam uma economia da cooperação que mantenha os bens comuns dentro de um direito e de um espaço público (ANTOUN, MALLINI, 2010, p. 6 apud ALCÂNTARA, 2015, p. 83).

Embora não sejam os pioneiros da cultura contestatória das arquibancadas, esse coletivo de torcedores inaugurou novos modos de mobilização, ação e torcida. As *fanpage* tornaram-se arquibancadas desses sujeitos, pois diante dos discursos construídos em cima do futebol, não são bem-vindos nos estádios. Desse modo, segundo E.P Thompson, com a participação em outras formas de mobilização – como a militância na internet –, superação das emoções negativas e um eterno questionamento dos discursos impostos, se tornam sujeitos:

Pela experiência os homens se tornam sujeitos, experimentam situações e relações produtivas como necessidades e interesses, como antagonismos. Eles tratam essa experiência em sua consciência e cultura e não apenas a introjetam. Ela não tem um caráter só acumulativo. Ela é fundamentalmente qualitativa. (THOMPSON, 1981, p. 99).

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Livia. Ciberativismo e movimentos sociais: Mapeando discussões. **Revista Aurora**, São Paulo, v.8, p. 73-97, 2015. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/22474>.

ALONSO, A. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. Lua Nova, n.76, São Paulo, 2009, p. 49-86. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>.

ALONSO, A. **A políticas das ruas**: Protestos em São Paulo de Dilma a Temer. Novos Estudos Cebrap, São Paulo, Especial, junho, 2017, p. 49-58. Disponível em [http://novosestudios.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso\\_A-politica-das-ruas.pdf](http://novosestudios.uol.com.br/wp-content/uploads/2018/07/Angela-Alonso_A-politica-das-ruas.pdf).

AUGUSTO, Acácio; ROSA, Paulo Ornelas; RESENDE, Paulo Edgar da Rocha. **Capturas e Resistências nas Democracias Liberais: Uma Mirada Sobre a Participação dos Jovens nos Novíssimos Movimentos Sociais**. Estud. social. Araraquara. v.2, n.40, p. 21-37, jan-jun. 2016.

BANDEIRA, Gustavo A. SEFFNER, Fernando. **Futebol, gênero, masculinidade e homofobia um jogo dentro do jogo**. Espaço Plural. Ano XIV. Nº 29. 2º Semestre 2013 p. 246 – 270.

BASSANI, J. **Coletivos na cidade de São Paulo**. 2016a. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6eetuRKmPB>.

BORELLI, S. ABOBOREIRA, A. **Teorias/metodologias: trajetos de investigação com Coletivos juvenis em São Paulo/Brasil**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, v9. n.1, Manizales (Colombia), 2011, p.161 –172.

CASTELLS, Manuel. **Rede de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet** - 2.ed. rev. e atual. - Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

GOHN, Maria da Glória. **Movimento sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. V. 16. N. 47. maio-ago. 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria (s) da ação social na análise dos movimentos sociais**. 31º Encontro Anual da ANPOCS. 22-26 de outubro de 2007 – Caxambú/MG.

GONÇALVES, F. **Poéticas políticas, políticas poéticas: comunicação e sociabilidade nos coletivos artísticos brasileiros**. Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Brasília, v.13 n.1, jan - abril. 2010, p. 1-17.

GUEDES, Taís Moraes. **As Redes Sociais – Facebook e Twitter – e suas influências nos Movimentos Sociais**. Dissertação de Mestrado. Outubro de 2013. Universidade de Brasília, Faculdade de Comunicação, Programa de Pós-Graduação.

HINE, Christine. **Ethnography for the internet: embedded, embodied and Everyday**. 2015. Bloomsbury Academic.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. LOPES, Felipe Tavares Paes. **“Ódio eterno ao futebol moderno”: poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo**. Tempo. Niterói. v. 24 n. 2. mai/ago. 2017.

HORI, P. **Os Coletivos Urbanos da cidade de São Paulo: ações e reações**. XVII Enanpur, São Paulo, 2017. Disponível em [http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/public-coes/XVII.ENANPUR\\_Anais/ST\\_Sessoes\\_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-15.pdf](http://anpur.org.br/xviienanpur/principal/public-coes/XVII.ENANPUR_Anais/ST_Sessoes_Tematicas/ST%206/ST%206.11/ST%206.11-15.pdf)

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2012.

MAIA, G. **A juventude e os coletivos: como se articulam as novas formas de expressão política**. Revista eletrônica do curso de direito da UFSM v.8. n.1. Santa Maria, 2013 Disponível em <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8630>.

MEDEIROS, R. **Uma história do graffiti paulistano contado em quatro atos**. In. LEITE, A.E. (org.) Graffiti em SP. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013, p. 28-49.

MESQUITA, M. **Movimento estudantil brasileiro: práticas militantes na ótica dos Novos Movimentos Sociais**. Revista Crítica de Ciências Sociais. Coimbra, v.66. 2003, p.117-149.



MESQUITA, M. R. **Cultura e política: a experiência dos coletivos de cultura no movimento estudantil**. Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra (Portugal), v. 81, p. 179 – 207, 2008.

OLIVEIRA, Marília Jahnell de. **Coletivos na cidade de São Paulo: práticas organizativas, práticas de atuação e identidades coletivas**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do ABC, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais, São Bernardo do Campo.

PENTEADO, Cláudio Luis de Carmargo. JAHNEL DE OLIVEIRA, Marília. **Autodenominação “Coletivo”: o que essa escolha pode nos informar**. 19º Congresso Brasileiro de Sociologia. UFSC – Florianópolis, SC. GT 22 – Movimento Sociais Contemporâneos.

PEREZ, O. SOUZA, B. **Velhos, novos ou novíssimos movimentos sociais? As pautas e práticas dos coletivos**. 41º Encontro Anual da ANPOCS, GT 11, 2017.

PEREZ, O. **Surgimento e atuação dos coletivos que discutem clivagens sociais**. II Encontro Internacional Participação, Democracia e Políticas Públicas. 3005 a 02062017, UFES, Vitória (ES), 2017.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrário ao machismo e à homofobia no futebol**. 2017; Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet** / Raquel Recuero. – Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Ciberultura).

ROSA, A. R. **(O) Braço forte, (a) mão amiga: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar**. Lavras: UFLA, 2007.

SAMPAIO, R. **Participação política e os potenciais democráticos da internet**. In Revista Debates, Porto Alegre, v. 4, n. 1, jan-jun 2010.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Das mobilizações às redes de movimentos sociais**. Soc. estado. [online]. 2006, vol.21, n.1, p.109-130.

SILVA, F. **Coletivos juvenis e transição para vida adulta: Desafios vividos por jovens da cidade de São Paulo**. 2018, p. 236. (Tese em sociologia da educação) - Programa Faculdade de Educação USP.

SOUSA, Tuanny Soeiro. **CAUSA MORTIS: HOMOFOBIA. Uma análise acerca dos crimes homofóbicos praticados no Brasil**. VI Jornada Internacional de Políticas Públicas. 2013.

TAPIA, Luis Mealla. **Movimientos sociales, movimientos sociales y los no lugares de la política**. 2008. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO).

THOMPSON, E.P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. [Tradução: Waltensir Dutra]. São Paulo: Zahar, 1981.

WHITAKER, Francisco. **REDE – UMA ESTRUTURA ALTERNATIVA DE ORGANIZAÇÃO**. MUTAÇÕES SOCIAIS. CEDAC. Rio de Janeiro, Ano 2/nº 3/ março/abril/maio de 1993. Disponível em <http://www.apoema.com.br/REDEU11.pdf>.

Recebido em 19 set. 2020  
Aprovado em 12 out. 2020